

A variedade de português falada em quilombos: das hipóteses faladas aos corpora transcritos

Paulo Jeferson PILAR ARAÚJO (USP)

Neste trabalho busca-se uma reflexão crítica quanto à produção de corpora de fala de comunidades quilombolas no Brasil em relação com as hipóteses de trabalho dos pesquisadores ocupados com a produção de tais corpora. Para tanto, parte-se da metodologia de produção de dois corpora atualmente utilizados no estudo dessa variedade de português brasileiro: o corpus da fala de comunidades afro-brasileiras utilizado pelo Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia, vinculado à Universidade Federal da Bahia (Lucchesi, Baxter, Ribeiro, 2009); e o corpus utilizado pelo Projeto-Piloto Comunidades Quilombolas IPHAN/USP (Petter, Oliveira, 2011), vinculado à Universidade de São Paulo. A reflexão pretendida traça os debates teóricos relacionados à produção de tais corpora e de como a metodologia utilizada em ambos os projetos relaciona-se com as hipóteses linguísticas defendidas ou recusadas pelos pesquisadores. Das hipóteses em questão, citam-se o debate sobre a criouliização do português brasileiro, da formação bipolarizada do português no Brasil (Lucchesi, 2001), da busca por traços de línguas africanas na fala quilombola. Mesmo com algumas décadas de estudos nos quais essa variedade popular de português tem sido objeto de estudo, ainda não foi apresentada uma reflexão sobre como tem se dado a coleta e análise dos dados de fala dos quilombolas e um balanço dos resultados atingidos até o momento. O tipo de inquérito comumente utilizado é aquele da sociolinguística variacionista (Labov, 1994), sendo que muito do que poderia ser realmente explorado com relação à influência africana, cultural e linguística na fala de afrodescendentes, fica fora do tipo de inquérito sociolinguístico padrão. Observa-se que o tipo de metodologia utilizado nos inquéritos sociolinguísticos variacionistas se concentram em traços fonéticos, fonológicos e morfossintáticos, dando pouca atenção para questões interacionais e mediados pela fala que poderiam ser utilizados como cruciais para se pensar a presença africana na constituição do português brasileiro, e com isso, as demais hipóteses quanto à criouliização ou não do português brasileiro ou da realidade polarizada do português brasileiro defendido por Lucchesi (2001). Como ponto de partida para a discussão, demonstra-se que a natureza da constituição de corpora de fala de comunidades quilombolas deve-se em muito ao caráter das hipóteses linguísticas a que os pesquisadores estavam preocupados em confirmar ou não, ou até mesmo à filiação teórico-metodológica do pesquisador. Praticamente inexistem outras abordagens no uso de corpora de fala quilombola que utilizem outras metodologias como a da etnografia da fala, ou estudos que se ocupem de questões de semântica e pragmática. Outros tipos de textos e interações verbais possíveis de serem analisadas também ficam de fora, como os momentos de interação dos moradores como reuniões da comunidade, ritos religiosos como festas ou ritos fúnebres, etc. Para embasamento da discussão, além da análise dos dois corpora em questão neste trabalho, são analisadas dissertações de mestrado e teses de doutorado que tiveram como objeto de estudo a fala quilombola, entre o período de 1999 a 2010, todas disponíveis em bancos de teses de universidades brasileiras. Como conclusão a que se poderia chegar, considerando o tipo de inquérito utilizado para a análise da fala de quilombolas, os pesquisadores concordam que o português falado em comunidades quilombolas é uma variedade popular e rural de português que aponta para a possibilidade de contatos linguísticos na sua constituição histórica, mas pouco diz da real participação de línguas africanas na constituição do português brasileiro. Neste ponto, é interessante enfatizar a forma de apresentação do corpus do Projeto-Piloto Comunidades Quilombolas do IPHAN/USP, que além da transcrição das entrevistas, tem disponibilizado o áudio das entrevistas, permitindo assim que outros pesquisadores acessem itens dos inquéritos não possíveis apenas pelas transcrições. Muito mais que uma crítica aos corpora em questão, enfatiza-se novamente este trabalho ter mais um caráter de reflexão de como melhor utilizar os corpora já constituídos e considerar outras metodologias de tratar a coleta de dados de fala espontânea em comunidades quilombolas.